

LUGARES DE MEMÓRIA: A RELAÇÃO ENTRE A MEMÓRIA E OS ESPAÇOS FÍSICOS EM MOSSORÓ/RN

Robson Oliveira Alves¹

Resumo

Este trabalho visa discutir como a memória é formatada e coadunada a lugares, pois a cristalização da memória ultrapassa o campo da escrita, adentrando aos lugares de memória. No caso de Mossoró/RN, esses locais expressam mais do que simples projetos arquitetônicos e urbanísticos, possuindo um valor simbólico que sacraliza a memória, concedendo-a um valor além de subjetivo, material, firmado em imagens presentes e expostas. Diante de uma memória pujante sobre o cangaço, a cidade resguarda lugares que privilegiam e denotam ao ocorrido veracidade e destreza ante ao esquecimento que é comum ao humano, sendo assim, lugares como o Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia, Memorial da Resistência e também a Capela de São Vicente, denotam ao público o sentimento de verdade, fato irrevogável do acontecimento.

Palavras-chave: Lugares de memória. Mossoró. Cangaço.

Recebido em 03 de março de 2017 e aprovado para publicação em 29 de abril de 2018

¹ Licenciado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), campus central. Pesquisador vinculado ao grupo de estudo Memória, Identidade e Ensino de História (MNEMIS). Correio eletrônico: robson.ic@hotmail.com.

Relação intrínseca: Lugar e Memória

Estamos inseridos dentro de um país destoante e multicultural. Arraigado por diferenças regionais que trazem para o campo historiográfico discussões proeminentes e vultosas. Nesse emaranhado, notamos alguns aspectos que tornam tais disparidades mais perceptíveis, como percebeu a historiadora Margareth Rago, ao dizer que o Brasil, ante sua extensão territorial, não circunscreve-se grande apenas em terras, mas em divergências internas, onde em determinados momentos é um inferno e um paraíso, detém extrema cordialidade, mas também, acentuada violência, riqueza ostensiva, porém altos índices de miséria, população branca e negra, shoppings centers e favelas, tradição e modernidade², enfim, é um país multifacetado e tais heterogeneidades são facilmente percebidas. Assim, essa relação complexa e opaca incute novos problemas para os historiadores, enxertando discussões e atraindo o olhar para uma relação crucial na história: passado e presente.

A relação entre passado e presente por vezes configura-se como difusa e indefinida. Nos tramites da pesquisa histórica, tal interação moveu olhares e mentes na busca por explicar como o passado ainda liga-se ao presente³ e, mais que isso, como tal interlocução redefine visões e influencia ações. É pensando nessa interação intricada que Eric Hobsbawm, busca entender a relação que existe entre os homens e o próprio passado, evidenciando que esse diálogo representa uma marca profunda das raízes culturais que perfazem a vida humana em suas relações política/social e nesse emaranhado inextrincável o historiador tem como responsabilidade inquirir sobre como esse passado influencia o presente e denota uma similitude entre ambos, assim Hobsbawm escreve:

Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. Provavelmente todas as sociedades que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com uma longa história. Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um

² Margareth Rago, ainda discute mais densamente sobre como tais dessemelhanças conferem a pesquisa histórica novas perspectivas e, concede a essa, novos rumos e problemas. Ver: RAGO, Margareth. A “nova” historiografia brasileira. Anos 90, Porto Alegre, n.11, julho de 1999, p. 73

³ Várias obras e estudos buscaram tratar da questão do “tempo histórico”. Tal temática traz, dentro de seus densos conceitos, a relação entre o passado e o presente. Nesse sentido, entender essa imbricada interação é, antes de tudo, compreender como o tempo histórico nas mentalidades humanas se estabelece. Para Koselleck, em sua obra “*Vergangene Zukunft*” (Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos), é na distinção existente entre passado e futuro que o tempo histórico se constitui. Ver: KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos; tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006. O historiador José Carlos Reis discute também, como as noções sobre o tempo histórico evidenciam um dissenso entre os historiadores, como é o caso de Paul Ricouer, dos *Annales* e de Koselleck. Ver: REIS, José Carlos. História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006, p. 198.

componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações⁴.

Em consonância com as palavras de Hobsbawm, entendemos, então, que o passado não é inerte, ao contrário, é um ato permanente, destituído de uma força estática que o mantém fixo, preso ao tempo e morto. A ramificação do passado circunscreve-se em torno dos agentes que vivenciaram, ouviram e reproduziram as histórias e experiências de um dado momento histórico que era presente, mas que logo tornou-se passado. Dito isso, podemos inferir que tal passado é vivido e não está apático quanto ao presente.

O passado, diante das arguições anteriores, enumera-se como um elemento formativo do presente e, possivelmente, exercerá influências quanto ao futuro, desse modo, o passado torna-se em nossos dias, um elemento importante na formação da sociedade, a qual revolve-se e remonta-se sob o ato de guardar os estilhaços imperceptíveis, particulares e distintos que estão presos na memória⁵. Com isso, devemos compreender os dois polos centrais em que a memória é colocada, primeiro, a memória individual, essa que é compreendida enquanto um processo psicológico básico⁶ e a segunda, a memória social, ou como é comumente conhecida, memória coletiva.

Na teia das relações sociais encontra-se como um dos pilares formativos do homem a memória, essa que tem como primazia a função de tornar eventos passados em presentes através do ato de lembrar. Todavia, ao pensarmos sobre a memória coletiva devemos compreender o processo em que essa se insere e como tal memória detém influências sob os indivíduos. Em análise a obra de Maurice Halbwachs, Maria Luiza Sandoval Schmidt e Miguel Mahfoud, entendem que o “indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas também é, sempre, um trabalho do sujeito”⁷. Concomitantemente, entendemos que a memória é um elemento que perfaz a identidade do homem e sua construção passa pela gerência de um grupo, que em muitos momentos, parece neutro e imparcial em

⁴ HOBBSAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 22

⁵ Em suma, a discussão em torno de uma memória estilhaçada, encontra-se na obra de Lucette Valensi, a qual contribui na percepção de uma memória multifacetada, que floresce não do acaso, mas das relações sociais e da coletividade humana em suas interações culturais. Ver: VALENSI, Lucette. Fábulas da Memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo; tradução Maria Helena Franco Martins. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

⁶ Ver, para uma maior compreensão sobre a formação e perpetuação da memória individual/básica, no cotidiano: EPELBOIM, Solange. Memória individual e memória social/coletiva: considerações à luz da psicologia social. Memorandum. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP. 2004

⁷ SCHMIDT, Maria Luiza Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. Psicologia USP, S. Paulo, 4 (1/2), p. 285 – 298, 1993, p. 288

termos temporais, ideológicos e políticos, mas que, ao contrário, fala e defende um espaço ideológico bastante singular e norteador de seus desígnios⁸.

Pensando nessas inferências que incutem na memória uma importância singular e sobre os embates que se aglutinam em volta dessa, devemos entender ainda que é nesse contexto de coletividade que se inserem os grupos detentores de poder (influência), que trazem consigo suas próprias narrativas e visões sobre o passado, nesse sentido, Le Goff nos alerta para esse lado preponderante da memória e para as confluências na relação conflitante que giram em torno dessa:

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam (...) Os esquecimentos e silêncios da História são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva⁹

Diante da argumentação de Le Goff, entendemos que a memória elenca-se como um dos motores principais da sociedade e por isso, é perpetrado pela elite, uma luta, buscando dominar, manter e preservar essas memórias. Nesse quadro, é fomentado uma memória coletiva, perpassada pelo lócus da elite, trazendo prerrogativas inerentes aos interesses dessa classe. Dessa feita, o objetivo, dentro dos parâmetros de rememoração em que consiste a memória coletiva, está em inserir os indivíduos dentro de comunidades que prestem a sua lembrança uma concisão, assim como, possibilitem haver uma interação nessas memórias, as quais ganham proeminência ante a sua extensão, que alicerça-se sobre as pessoas dessa mesma comunidade.

É perante essa memória coletiva, perpassada pela ação psíquica da comunidade, que as lembranças possuem maior confiabilidade, destreza e saliência. A anamnese coletiva, nesse cenário, torna-se uma sólida propulsora da verdade, ou seja, mesmo diante da distância temporal de determinados eventos, eles só são verdadeiros, porque estão firmados não em uma memória individual, mas na lembrança da comunidade, assim sendo, segundo Halbwachs

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior,

⁸ A neutralidade, pregada por muitos grupos e defendida em muitos lugares e instituições é nas palavras de Roger Chartier, apenas palavras sem um fundo do real, pois “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”. CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*. 2ª ed. DIFEL, 1988, p. 21

⁹ LEE GOFF, Jacques. 1924 – *História e Memória*. 5ª Edição, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 422

como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias¹⁰

Com isso, entendemos que dentro da comunidade, em um processo de rememoração, os indivíduos internalizam, através do diálogo, as lembranças de um passado difuso¹¹, relutante, mas que torna-se real e palpável quando se é compartilhado as mesmas lembranças.

Dentro dessa discussão onde o passado e a memória enumeram-se como dois agentes difusores de uma identidade, idealizadores de realidades, e fomentadores de ideários adversos que circunscrevem-se como alicerces da verdade, somos levados a discutir como esse passado se refaz no presente e como essa memória transmuta-se da psique da comunidade encontrando uma pedra angular, ou, como nos informará Pierre Nora, lugares de memória, os quais servirão para cristalizar e fixar de forma concisa e assente a memória.

A criação de lugares que conservam a memória salienta uma preocupação maior: o esquecimento. Alguns acontecimentos do passado certamente não podem ser esquecidos, devem permanecer vivos no presente, mesmo décadas, ou até séculos de distância temporal, não podem impedir que episódios de suma importância sejam apagados da memória, ao contrário, estes contribuem para a construção da personalidade e identificação de um povo, os cedendo poder e pujança. Devido ao rememorar, os lugares de memória fortificam-se de forma expressiva, de acordo com Pierre Nora, nos encontramos em um:

Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória¹²

A manutenção da memória tornou-se uma preocupação de nossa sociedade. Os lugares são criados e o uso que é dado a este, baseia-se nas necessidades do presente. Nesse sentido, mesmo diante dos hiatos desse passado os espaços surgem como solidificadores e difusores de verdades, as quais estão expostas e a amostra não apenas no âmbito físico e objetivo, em peças e imagens, mas no que esses elementos físicos trazem de simbólicos, adentrando ao imagético e mudando mentalidades.

No emaranhado dessas confabulações os lugares de memória possuem uma proeminência singular no imagético humano, é nesse sentido que as imagens que irradiam desses espaços encontram repouso na imaginação dos homens. Segundo Sandra Jatahy Pesavento, as cidades se constituem de espaços falantes, que representam e moldam a

¹⁰ HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. p. 25

¹¹ Halbwachs, evidencia que a memória não tem domínio sobre o passado tal qual esse ocorreu, porém, é através de alguns eventos marcantes, dentro de cada singularidade, que alguns espetros retomam a forma de realidade e volta ao processo de lembrança. Idem, p. 96

¹² NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. IN: LE GOFF, Jacques. História: novas abordagens. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 7

mente humana¹³, ainda segundo Pesavento é esses espaços que atuam no imaginário do homem, o qual

(O imaginário) é esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem elas em obras exequíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não realizaram, mas que um dia foram concebidas¹⁴

Com as arguições de Pesavento, entendemos que mesmo em uma relação difusa e destoante, os lugares de memória perfazem o imagético humano tornando sua relação com o passado mais próxima, nesse aspecto, dentro dos significados que são conferidos aos lugares de memória, estes obtêm credibilidade e confiabilidade, fomentando um discurso de verdade.

Entender o enredamento que se arregimenta ante as disparidades entorno da memória, o lugar de memória e o passado, são preocupações singulares na historiografia brasileira durante as últimas décadas. Nesse aspecto, percebe-se um alvorecer de pesquisas que discutem como a memória social, que floresce através da construção coletiva, reconstrói o passado de maneira *sui generis*. Nesse intento, percebeu-se a dificuldade em revelar como esse passado se refaz com suas particularidades no presente¹⁵, sendo assim, o crescimento de espaços de rememoração manifestam-se como difusores concretos e objetivos desse sentimento de esfacelamento em relação ao passado.

100

Nesse sentido, o entrelaçamento entre os espaços e os sujeitos que de forma direta, ou indireta, percebem estes locais como difusores reais do passado encontram em nossa contemporaneidade um crescimento exponencial. No caso de Mossoró, a inferência dos espaços no imagético cidadão é algo singular e ímpar. O emaranhado de espaços históricos em Mossoró perfazem a identidade local, transitando no campo da cultura, onde tais locais arrogam para si, o discurso de realidade e de veracidade sobre os eventos históricos que se arregimentaram nessa cidade.

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53, 2007. p. 11

¹⁴ Idem. p. 11 – 12

¹⁵ Astor Antônio Diehl, discute em um artigo bastante singular, sobre como o passado se insere no presente e reconstrói um futuro. Nesse sentido, suas arguições irão penetrar o mister do historiador, buscando compreender as dificuldades que estão em entender o processo de rememoração e como tal processo se relaciona com os espaços de memória, Antônio Diehl ainda infere sobre o diálogo que é feito entre a História e outras áreas do conhecimento, como auxiliaadoras para a compreensão da memória e o presente. Ver: DIEHL, Astor Antônio. Ideias de futuro no passado e cultura historiográfica da mudança. História da historiografia. Nº 01, Agosto 2008, p. 47. O diálogo entre o campo da História e outras áreas do conhecimento, como discutiu Antônio Diehl, já se inseria nas discussões de E. P Thompson e Robert Darnton, os quais, dentro de suas especificidades e percepções da história, uniram seus conhecimentos ao campo da Antropologia, que contribuiu para trabalhos brilhantes. Ver: THOMPSON, Edward P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Organização: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. E também, DARNTON, Robert. O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da História Cultural Francesa. 2ª. ed. Rio de Janeiro. Graal. 1986

Os lugares de memória em Mossoró

Os espaços que formam uma cidade não se restringem ao concreto que foi usado para erguer prédios e alicerçar vigas, nem ao árduo trabalho de profissionais que investiram tempo em construções urbanas. Na verdade, podemos pensar esses espaços com outro olhar: perscrutando a subjetividade e representatividade de práticas e experiências que estão ligadas aos sujeitos que ao longo dos anos as produziram e as vivenciaram. Devemos refletir não apenas no material que está ali a amostra, mas também no subjetivo, o imaterial. Os rituais, as manifestações e as imagens, fazem parte de um patrimônio imaterial que podemos nomear de herança simbólica. Dessa forma, deve-se pensar sobre a construção, mantimento e perpetuação desses espaços não apenas como coadjuvantes na paisagem urbanística de uma cidade, mas como refletores de um passado, que trazem conotações vividas para o presente.

Espaços que tem como características principais os de guardar os remanescentes do passado, são utilizados, em muitos casos, para criar ou solidificar ideários sobre grupos que estão no poder ou aspiram tal posto. Dessa forma

[...] esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar as identidades de uma comunidade¹⁶

101

Entende-se, com isso, que o uso desse passado se relaciona com a ideia de uma identidade, a qual as gerações futuras podem recontar e rememorar. Dito isso, os espaços que “guardam” essa memória, são instrumentos históricos utilizados pelo poder público, para proclamar um acontecimento escolhido, e modificado, conforme seus desígnios e conjecturas de futuro.

Em uma discussão singular, Balandier, em um estudo sobre a Resistência Francesa durante a Segunda Guerra, tratando especialmente sobre a cidade de Lyon, nos leva a entender a dinâmica de um lugar de memória e como esse espaço traz pontos cruciais do passado e reconta-os no presente de maneira vivida e discricionário. Assim, o autor nos mostra como o Centro Histórico da Resistência e da Deportação na cidade de Lyon foi estruturado de forma que o visitante se sentisse dentro do contexto da Guerra.

O Centro em Lyon lhes está duplamente ligado: pela própria cidade, que foi a capital da rejeição, mas, sobretudo por sua localização, a antiga escola de saúde militar que foi sede da Gestapo e onde agiu Klaus Barbie. A memória ali é traçada segundo o espírito e com o concurso das técnicas de hoje; está viva mais que conservada, ainda que seja também mantida pelos procedimentos habituais

¹⁶ CHOAY, Françoise, 1925 – A alegoria do patrimônio / Françoise Choay: Tradução de LucianoVieira Machado. Ed. – São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. p. 18

da exposição e da documentação. A concepção do conjunto contribui para transformar o visitante em partícipe; ele entra em um mundo restituído pelo local e sua 'decoração', é puxado para fora de seu tempo e colocado dentro do tempo da memória com a ajuda de imagens, palavras, ruídos e músicas que o mergulham na época. As tecnologias empregadas habitualmente a serviço do instante, do efêmero, permitem desse modo tornar vivo o passado, objeto de um conhecimento e de sentimentos imediatos que são remédios contra a ignorância e o esquecimento.¹⁷

A memória deve nos remeter ao passado, não com vista a um olhar profético para o futuro, mas com um olhar crítico sobre as relações entre os homens, as instituições, o papel exercido por cada um e os reflexos dessas relações na sociedade. O Centro Histórico da Resistência e da Deportação em Lyon é um exemplo de como a memória deve estar a serviço da informação e da formação das novas gerações, no qual a ideia de espetáculo, de comemoração, cede lugar ao de reflexão.

Em Mossoró, ao perscrutarmos os lugares singulares e destoantes que ecoam a memória, somos direcionados a vários espectros do passado. Este município possui um emaranhado de monumentos que fazem parte da consciência histórica dos seus munícipes. Podemos citar como exemplo, os monumentos que invocam a memória da abolição da escravatura nesta cidade¹⁸, como: “o monumento do Pantheon dos Abolicionistas e a Estátua da Liberdade, além desses as ruas, praças e logradouros públicos e os eventos espetaculares como o Auto da Liberdade e os desfiles públicos”¹⁹. A identidade que tramita entre estes espaços evidencia o louvor dado ao fato, existindo um sentimento de pioneirismo, resguardando a glória e pujança inerentes a este acontecimento. Não obstante a abolição, encontramos nesta cidade monumentos que lembram a vitória do povo mossoroense sobre Lampião e seu bando. A resistência é louvada, perpassando por entre décadas como um dos acontecimentos mais verossímeis e dignos de ser lembrado, por este povo.

Diante da importância vultosa que é outorgada aos espaços em Mossoró, alguns possuem características que marcam o imagético da população transmitindo uma vivaz

¹⁷ BALANDIER, Georges. 1999. O Dédalo: para finalizar o século XX: Tradução Susana Martins. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. p. 42

¹⁸ A cidade de Mossoró foi a primeira no Estado do Rio Grande do Norte a engendrar a abolição dos escravos no ano de 1883. Esse acontecimento ganha vultosa importância devido ao fato de ter ocorrido 5 anos antes da abolição dos escravos através da Lei Aurea, assinado pela princesa Isabel no ano de 1888. Porém, este acontecimento, assim como os demais que firmam-se na memória mossoroense, fazem parte de um investimento por parte do poder público, em manter vivo não apenas o ocorrido, mas os seus benefícios para a economia local, como fica evidente na fala de Emanuel Pereira Braz: “As comemorações do 30 de Setembro em Mossoró, tem envolvido a cada ano, esforço os mais variados, desde investimentos que o poder local faz, como o apoio individual e coletivo que tem conquistado no sentido de ampliar cada vez mais a realização desta festividade”. Para uma discussão mais profícua e densa, ver: BRAZ, Emanuel Pereira. A Abolição da Escravatura em Mossoró: pioneirismo ou manipulação do fato. 1º ed – Mossoró, RN: Fundação Vingt-um Rosado, 1999. p 92.

¹⁹ SANTOS, Antônia Edneuma dos. A construção do discurso de liberdade a partir dos elementos emblemáticos mossoroense: Reflexões sobre a seleção e apropriação do patrimônio material e imaterial abolicionista. Encontrado em <<http://www.rn.anpuh.org/evento/veeh/STO2>> Acesso: 15/11/16

sensação de permanência dos eventos históricos do passado no presente. O cangaço, fenômeno singular e repleto de percepções e discursos dispares, marcado por profundas ações violentas, tanto por parte dos cangaceiros como pela volante (tropas policiais, etc.) violência institucionalizada²⁰, detém uma história vasta e possui diversos agentes que contribuíram na expansão de ideários, mitos e lendas²¹. Assim, a história do cangaço e dos sujeitos principais desse momento, os cangaceiros, estão relacionadas de maneira concisa com as histórias das cidades que vivenciaram as ações desses grupos, nesse sentido, Mossoró recrudescer ante o contato com o bando de Lampião, durante o ano de 1927 e seus desdobramentos circundam o imagético dos munícipes que nessa cidade habitam, conferindo uma solidez a memória que é produzida desse evento.

É diante dessa memória e das discussões que se fomentaram através dessa, que os lugares para propagação e disseminação desses remanescentes são criados. Esses locais expressam mais do que simples projetos arquitetônicos e urbanísticos, possuindo um valor simbólico que sacraliza a memória, concedendo-a um valor que se alicerça não apenas no subjetivo, mas também no material, firmado em imagens presentes e expostas. Lugares como o Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia, Memorial da Resistência e também a Capela de São Vicente, denotam ao público o sentimento de verdade, fato irrevogável do acontecimento. Assim, seja nos objetos existentes no Museu Lauro da Escóssia, nas imagens contidas no Memorial da Resistência ou na carga simbólica conferida pela Capela de São Vicente, somos levados a perceber o valor outorgado a estes espaços pelo poder público e consequentemente pelos munícipes desta cidade.

Os museus contemporâneos ligam-se intrinsecamente ao “progresso da memória escrita e figurada da Renascença e à lógica de uma nova civilização da inscrição. O século

²⁰ Max Weber, evidencia que o Estado detém o poder de atuar com violência, institucionalizando tal ação, agindo com isso, para obtenção de mais domínio e influência, não diferindo do caso citado onde a volante, atuava com violência para barrar os bandos, tornando sua ação, mesmo que tão violenta quanto a dos cangaceiros, normal, nos sendo salutar o diálogo com Weber. Ver: WEBER, Max. A política como vocação. São Paulo. Martins Fontes. 2002

²¹ Mediante aos estudos que se arregimentaram sobre o cangaço, alguns são distintos e se destacam por suas discussões, como é o caso de *Cangaceiros e Fanáticos*, de Rui Facó (1988), *História do Cangaço*, de Maria Isaura Pereira de Queiróz (1997) e *Lampião, o rei dos cangaceiros*, de Billy J. Chandler (2003), ver: FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos. Gênese e lutas. 8ª. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988; QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. História do Cangaço, 5 ed. – São Paulo: Global. 1997; CHANDLER, Billy Jaynes. Lampião, rei dos cangaceiros. Tradução de Sátira Linhares Barsted. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. Todavia, sobre os mitos e as diferenças existentes entre os cangaceiros mais conhecidos tanto na parte da literatura, com os cordéis, por exemplo, como no próprio campo da historiografia, a escrita de Frederico Pernambucano de Mello se distingue onde esse discorre sobre Jesuíno Brillante, Antônio Silvino e Sinhô Pereira, cangaceiros que são anteriores a Lampião e evidenciam uma maneira diferente de atuarem, no caso de Lampião, sua característica seria a de mais violento e temível, ver: Ver: MELLO, Frederico Pernambucano de. Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. Prefácio de Gilberto Freyre, São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

XIX via nascer uma sedução da memória, uma explosão do espírito comemorativo”²². Diante disso, o desejo de materializar a memória com a criação de espaços que guardassem os utensílios e objetos do passado enumera-se como uma das práticas normativas do homem em nossos dias. Diante disso, deve-se entender que nestes espaços os objetos que estão a amostra não fomentam apenas informações avulsas, nem a beleza estética desses, ao contrário, são lugares que “a cultura material é elaborada, exposta, comunicada e interpretada”²³. Esses objetos perpetuam e preservam o passado. Assim, estes “fragmentos do passado não podem ser vistos apenas como peças que reproduzem suas utilidades originais, mas como objetos que devem ser pensados e relacionados criticamente a outros objetos do presente.”²⁴ Dessa forma, pensamos estes espaços como difusores do passado, mas que relacionam-se com as inquietações do presente, seu surgimento evidencia o desejo de guardar não apenas simples objetos, mas, o que estes simbolizam para seu povo.

Em Mossoró, o Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia elenca-se como um espaço egrégio e célebre. Esse lugar detém uma ligação com a memória do cangaço em Mossoró, pois preserva objetos que avultam a cultura nordestina ligando-a ao cangaço. É possível encontrar diversos utensílios que remetem a imagem do cangaceiro, mostrando sua vestimenta, armas, e livretos dos mais variados tipos literários. Nesse sentido, devemos pensar o papel do Museu na construção do conhecimento e na perpetuação da memória, pois, de acordo com Marcílio Lima Falcão

O Museu surge como espaço em construção, quer pela ação dos diretores, quanto à organização e exposição dos objetos, quer pelas atitudes dos visitantes em relação ao que se observa. Seu papel social não se restringe a guardião do passado, mas incita a reflexão sobre a importância social e simbólica dos objetos nas experiências e relações sociais das sociedades em que estavam inseridos.²⁵

À vista disso, podemos pensar o Museu Histórico Municipal de Mossoró como um remetente do passado. Pois a maneira que a organização do acervo encontra-se, assim como o papel social que este espaço ocupa no ideário municipal, o torna um fabricante e

²² SCHWARCZ, Lilia K.M. O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Pensamento Racial No Brasil: 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 67

²³ BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Museus Históricos na França: entre a reflexão histórica e a identidade nacional. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. Nova Série. v. 5. – jan./dez. 1997. p. 190

²⁴ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). Anais do Museu Paulista. São Paulo. Nova Série. Nº 1. 1993. p. 213

²⁵ FALCÃO, Marcílio Lima. JARARACA: memória e esquecimento nas narrativas sobre um Cangaceiro de Lampião em Mossoró. Mossoró: UERN, 2013, p. 99

reprodutor da memória sobre a resistência ao bando de Lampião²⁶, concretizando dessa maneira um ideário sobre um passado bastante exitoso.

A criação do Museu Municipal de Mossoró aconteceu no ano de 1948, a partir da fundação da Biblioteca Municipal, durante a gestão de Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia. Em relação ao seu acervo, vários artefatos nos chamam atenção, como por exemplo os objetos líticos e cerâmicos²⁷ assim como os exemplares dos jornais *O Mossoroense*, *O Nordeste* e o *Correio do Povo*²⁸. Estes jornais são de suma importância na construção imagética sobre os acontecimentos relacionados ao cangaço, pois além de citarem esse evento, eles mapearam a trajetória dos cangaceiros em solo norte-rio-grandense, trazendo informações que hoje são utilizadas em diversos trabalhos, tanto de cunho acadêmico como pesquisas afins.

Através de um mapeamento detalhado dos visitantes do Museu, desde o ano de 1979 até 1985 e 2007 até 2013, percebeu-se que grande parte daqueles que caminham por este espaço de conservação da memória, são de estudantes de escolas privadas e públicas. Outra grande parcela, são de estudantes universitários (de História, Turismo e Pedagogia, principalmente). Essas visitas evidenciam a preocupação vigente de se conhecer o passado. Nesse interim, é crucial a fomentação de discussões que percebam a tramitação da memória, suas mudanças e os usos que são atribuídos a esta, para que haja uma reflexão sobre como as informações que são repassadas através das imagens presentes nestes espaços, são construtoras de uma identidade, que irão se proliferar até as gerações futuras.

Ainda em consonância com o mapeamento feito, percebe-se um fluxo alto de visitas durante o mês de Junho. Este mês é fundamental para se entender a importância que é dada a este lugar, pois faz parte da cultura mossoroense, a celebração da resistência contra o bando de Lampião através da peça “Chuva de Balas no País de Mossoró”. Assim em meio as festividades juninas que se passam durante esse mês, a visita ao Museu Municipal de Mossoró, torna-se uma das referências mais requisitadas pelos turistas, trazendo rentabilidade financeira aos comerciantes locais.

Um segundo lugar existente na cidade de Mossoró que evoca a memória sobre o cangaço e a resistência empreendida pelo povo mossoroense, é o Memorial da Resistência, que como o nome sugere, trata-se de um espaço para resguardar a memória do feito da

²⁶ Ibidem. p. 99

²⁷ Segundo Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva, o Museu Histórico Municipal de Mossoró, possui a coleção mais antiga e uma das mais expressivas do Estado, no tocante a objetos líticos e cerâmicas. Os artefatos que encontram-se nesta coleção são aquisições advindas das mesorregiões do Agreste. Sendo assim, o Museu de Mossoró torna-se um dos mais importantes para o Estado em relação a arqueologia e paleontologia. Para uma compreensão mais abrangente sobre a divisão e os materiais que compõem a coleção do Museu, ver: SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da. A “Estratigrafia do Abandono” em dois museus públicos potiguares. O público e o privado – nº. 12 – Julho/Dezembro – 2008. p. 64

²⁸ FALCÃO, Márcilio Lima. Op., Cit, p. 103 .

resistência para as gerações futuras, assim como, conclamar a coragem, fomentando a identidade de um povo valente, aguerrido e vencedor. Salientando, assim, os joguetes que surgem por trás de um edifício, onde sua simbologia está intrinsecamente ligada a um passado histórico que não pode ser esquecido.

Dessa maneira, o Memorial da Resistência surge como um espaço que pudesse transmitir e fazer circular a memória da resistência, em detrimento do Museu que é um espaço fechado, o memorial seria aberto em um lugar privilegiado onde o turista teria fácil acesso. Assim, sua visibilidade foi pensada para atrair os olhares. O Memorial faz parte, então, de um projeto de urbanização da Prefeitura de Mossoró. Sua localização ficaria no centro da cidade, onde a circulação de visitantes é bem maior. Com isso, este projeto reúne em sua essência, os interesses do mercado de eventos e do turismo. Na verdade, o Memorial fazia parte de um plano ambicioso denominado *Corredor Cultural*, que nas palavras de Marcílio Lima Falcão:

Esse espaço (corredor cultural) é composto de diversos equipamentos ao longo da Avenida Rio Branco. A avenida foi, durante os governos Rosalba (1997-2004) e Fafá Rosado (2005-2008), um espaço privilegiado para a urbanização da cidade. Aí, foi utilizado o lugar da antiga Estação Ferroviária para a construção de um espaço que incorporou a Feira do Vuco-Vuco e agregou as chamadas praças de Convivência, Eventos, Esporte e Lazer; o Teatro Dix-Huit Rosado, a Estação das Artes Elizeu Ventania e o Memorial da Resistência²⁹.

Essas descrições nos auxiliam a entender o objetivo real em uma obra desse calibre: o de angariar turistas, arrecadar impostos através do comércio que cresceria e situar a cidade, entre as mais belas do Estado, no tocante ao urbanismo.

Nessa perspectiva, a memória que estaria sendo revivida, não tem o intuito de ensinar e educar, ao contrário, o feito da resistência é retomado e recontado para que através desse se solidificasse o ideário de cidade da resistência, rotulo bastante vendável nesta cidade. Percebe-se também, o constructo que emana das fotografias e banners que fazem parte da galeria do memorial, onde através dos relatos enunciados nas imagens, os cangaceiros, temidos e odiáveis, não quiseram reconhecer a pujança do povo mossoroense, atacando-os, mas sendo massacrados por uma resistência vivaz.

Nesse caminho de espaços singulares e até insurgentes, um terceiro lugar surge como crucial na formatação da memória sobre o cangaço em Mossoró. A Igreja de São Vicente. Esse local torna a memória sobre a tentativa de assalto do bando de Lampião mais forte e impetuosa, pois a igreja foi palco do combate que terminou com o cangaceiro Colchete, morto, e Jararaca ferido. Para que essa memória se mantenha os resquícios da luta ainda estão incrustadas nas paredes da Igreja, fazendo com que a memória seja mantida e

²⁹ FALCÃO, Marcílio Lima. Op., Cit, p. 125

objetivada em algo material que pode ser visto a qualquer momento que venham surgir dúvidas e questionamentos sobre a realidade desse evento.

Dentro das nuances do tempo, monumentos e edificações tendem a passar pelo processo do esquecimento, fator que perfaz a nossa memória que é paupérrima e frágil. Todavia, no caso singular da Igreja de São Vicente, não é o monumento ou a construção da Igreja que se mostra atrativo, mas os eventos que se arquitetaram e ocorreram naquele local. Nesse sentido, essa Igreja, diferente de muitas outras na cidade, possui uma importância simbólica, a qual incute e denota a Mossoró o resquício real do evento e a prova da resistência, onde os tiros que nela estão expostos falam mais que os ventos do esquecimento e a vileza do passado.